

### A história

#### PRECONCEITO DESDE O INÍCIO

“Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho.” Provavelmente nenhum palpite de comentaristas antes da Copa do Mundo de 2002 foi tão furado quanto o do escritor Graciliano Ramos, no início do século XX. Graciliano parecia convencido de que o jogo dos ingleses não iria conquistar adeptos no Brasil. Talvez o maior engano da história do esporte brasileiro.

Não que o escritor alagoano tivesse alguma coisa contra a bola jogada com os pés ou que fosse apaixonado pelo remo, o esporte mais popular do início do século. O que ele achava era que o que vinha de fora não poderia “pegar” com facilidade no Brasil. E nada mais inglês do que o futebol. Pelo menos do que o futebol jogado naquele tempo.

O autor de *Vidas secas* talvez tenha sido também o primeiro palpiteiro sobre esportes. Palpiteiro, sim, daqueles que até hoje enchem as noites de domingo. Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas

quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia.

Duvidar foi o esporte preferido até mesmo de gente experiente, que vivia de escrever para os cadernos especializados, já no meio do século XX. João Saldanha fez uma previsão no final dos anos 60, quando um aventureiro resolveu lançar não um caderno, mas uma revista inteiramente dedicada ao futebol. *Placar* nunca sairia dos primeiros números, imaginava Saldanha, que prestou inestimáveis serviços ao esporte brasileiro.

A importância dos veículos que se dedicavam ao esporte começou mais cedo, no entanto. Em São Paulo, na década de 1910 havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*. Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos. Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria Palmeiras décadas mais tarde, no meio da Segunda Guerra Mundial. Nesse tempo, as poucas páginas dedicadas a esporte nos diários paulistanos falavam sobre outra guerra. A travada entre os são-paulinos, que sonhavam tomar à força o estádio Parque Antártica dos palestrinos.

A *Fanfulla* é até hoje a grande fonte de consulta dos arquivos do Palmeiras sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro. O jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões. E informava as fichas de todos os jogos do clube dos italianos. Até mesmo dos que incluíam times de aspirantes palestrinos contra os segundos quadros de equipes do interior. Não existia o que se pode chamar hoje jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos e ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra.

Nem do velho Corinthians, nem do Santos, nem que o futebol do Flamengo só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes. A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a con-

tragosto. Porque nas redações do passado – e isso se verifica também nas de hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte.

No início do século XX, o Rio de Janeiro pulsava e impulsionava o Brasil. E no Rio os jornais dedicavam também cada dia mais espaço ao futebol. Mais do que nas demais cidades do país. Os jogos dos grandes times da época aos poucos foram ganhando destaque. Até que o Vasco, em 1923, venceu a Segunda Divisão apostando na presença dos negros em seus quadros.

Era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924, apesar da oposição dos outros grandes, que sonhavam tirá-lo da disputa alegando que o clube dos portugueses e negros não possuía estádio à altura de disputar a Primeira Divisão.

Os portugueses construíram o estádio de São Januário e nunca mais saíram das divisões de elite do futebol do país. Nos anos 30, o *Jornal dos Sports* nasceu no Rio de Janeiro. A rigor, foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país. O primeiro a lutar ferozmente contra a realidade que tomou conta de todos os diários esportivos a partir daí.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto.

Assim, revistas e jornais de esportes foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos. No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* viveu bons anos entre o final da década de 1950 e o início dos anos 60. Viu nascer Pelé, o Brasil ganhar títulos mundiais, viu o futebol, seu carro-chefe, viver momentos de estado de graça. E nem assim sobreviveu às adversidades.

No final dessa década, o jornalista paulistano Roberto Petri lançou seu próprio diário esportivo: *O Jornal*. Não durou. Petri voltou a trabalhar em emissoras de rádio como Gazeta, Difusora e Bandeirantes, até concentrar-se nos comentários sobre o futebol argentino na ESPN Brasil, no final dos anos 90.

Só no fim da década de 1960, os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Dessa época para cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade.

Nem no Brasil, dito país do futebol, que só teria revista esportiva com vida regular nos anos 70. A Itália, por sua vez, lançava seu primeiro exemplar de revista dedicada exclusivamente aos esportes em 1927. A Argentina também. Países com muito mais vocação para o assunto, mesmo que esta seja muito mais cultural do que esportiva.

De todo jeito, a partir da segunda metade dos anos 60, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão. Não quer dizer de alta ou baixa qualidade. A primeira depende muitas vezes da quantidade de profissionais indicados para trabalhar na área.

## NASCE UMA PAIXÃO

Em 1925, o futebol já era o esporte nacional. O Brasil havia sido bicampeão sul-americano em 1919 e, em 1922, faltavam apenas cinco anos para o início da primeira Copa do Mundo, mas o profissionalismo só chegaria ao país oito anos mais tarde. Guerra. Começar a pagar aos jogadores de futebol provocou grandes polêmicas. Em 1929, por exemplo, o Paulistano, clube que maior número de títulos estaduais possuía até então, decidiu não continuar a manter equipes de futebol. Seus dirigentes achavam absurdo pagar jogadores para que entrassem em campo e jogassem fute-

bol. Até hoje há quem pense assim. Julgam que jogador de futebol ganha dinheiro demais para exercer atividade que quase não exige esforço intelectual.

Os sócios de futebol do Paulistano se rebelaram. Não achavam justa a decisão do clube de acabar com um departamento tão vitorioso. Como poderiam encerrar a prática do esporte que nesse momento ganhava tanta seriedade? Em 1927, o próprio presidente da República, Washington Luiz, comparecera ao estádio de São Januário para a cerimônia de inauguração. O estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, fora construído para a organização do Campeonato Sul-Americano. O Brasil interessou-se novamente pela organização do torneio três anos depois. O futebol já era uma festa.

No entanto, os jornais dedicavam espaços mínimos para o que já parecia ser a grande paixão popular. O *Correio Paulistano*, por exemplo, liberava apenas uma coluna para as matérias que incluíam futebol. E duas colunas para o turfe.

A febre do remo já estava superada. Esse esporte produziu boa parte da glória que passou para o futebol. A maioria dos clubes futebolísticos tradicionais do Rio de Janeiro nasceu das regatas. Não é à toa que três dos quatro grandes clubes cariocas têm a palavrinha no nome: Clube de Regatas do Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama, Botafogo de Futebol e Regatas. Em 1926, o campeão carioca foi outro time proveniente das regatas: São Cristóvão de Futebol e Regatas. O Botafogo nasceu da fusão de um clube de futebol e outro de regatas. Nos primeiros anos do século, era o Clube de Regatas Botafogo o que mais chamava a atenção para o interesse do Rio de Janeiro em remo.

Os jornais, no entanto, dedicavam aos esportes o espaço que lhes era possível. Evidentemente não havia na época a cultura dos grandes jornais de hoje, com cadernos inteiros dedicados aos esportes. Havia pequenas colunas, mais por questão de espaço do que por falta de interesse. Como comprova a matéria coletada dos diários cariocas pelo jornalista João Marcos Weguelin, que pesquisou o Rio de Janeiro pelos jornais.

## Campeonato Sul-Americano de 1919

---

A RUA

7 DE MAIO DE 1919

Antes do campeonato, o football aqui já era uma doença: agora é uma grande epidemia, a coqueluche da cidade, de que ninguém escapa.

---

A RUA

8 DE MAIO DE 1919

No “stadium”, como estava anunciado, realizou-se ontem, o “training” de apuro dos “scratchmen” brasileiros. (...) Os chilenos deram esta manhã, na rua Campos Salles, o seu “training” de apronto para o jogo de domingo. Os uruguaiois treinaram, ontem, no campo do Botafogo. (...) Os argentinos estiveram ontem, à tarde, na rua Payssandu, praticando “training” individual.

---

RIO JORNAL

11 DE MAIO DE 1919

Iniciou-se hoje, às 15 1/2 horas, sob os melhores auspícios, o sensacional Terceiro Campeonato Sul-Americano de Football. Fazendo coincidir com esta temporada de “matches” internacionais, a festa de hoje teve ainda o seu brilho aumentado pela inauguração do stadium do Fluminense Football Club, o glorioso campeão tricolor brasileiro. A cerimônia de inauguração do stadium consistiu juntamente na inauguração do “match” internacional, para o qual foi construído o soberbo campo.

---

A RAZÃO

30 DE MAIO DE 1919

Sob os olhares ansiosos de uma multidão superior a 40.000 pessoas realizou-se ontem no stadium do Fluminense, o 1º match do campeonato sul-americano. Esse match que foi disputado entre os quadros chilenos e brasileiros despertou como aliás era natural o máximo entusiasmo e interesse levando mesmo a assistência a intermitentes explosões de júbilo e de contentamento. (...) O jogo transcorreu admiravelmente, vindo a terminar pela vitória do quadro brasileiro pelo score de 6 a 0.

O terceiro Campeonato Sul-Americano de Football decidiu-se ontem pela vitória dos jogadores brasileiros. Este acontecimento teve uma repercussão que se pôde considerar bem como continental, apesar das grandes coisas que neste momento ocupam a atenção dos povos, como o problema da paz, a ser resolvido pela resposta da delegação alemã à proposta dos aliados e a travessia aérea do Atlântico. Aqui, a impressão causada pela vitória dos nossos jogadores foi de um entusiasmo delirante. Desde muito cedo a população sentiu a sua atenção presa à grande peleja, que se ia travar no campo do Fluminense, crescendo à medida que se aproximava a hora do desempate sensacional. Havia também, para despertar a curiosidade pública, um eclipse do sol. Pouco se preocupou a cidade com isso. Um eclipse é uma coisa tão banal... (...) A Avenida Rio Branco, em um certo trecho, ficou literalmente cheia, com o trânsito perturbado. A febre com que se acompanhava o match era crescente. O jogo, indeciso no primeiro tempo, empolgava cada vez mais toda a gente.

– Está duro! Zero a zero!

– Mas vencem os uruguaios!

– Qual! Não venceram até agora, não vencem mais. Os brasileiros tomaram o pulso aos uruguaios.

– Qual!

– Não! As vantagens agora são nossas.

E assim decorreu toda a tarde, sem que o caso se decidisse. Afinal, quando o entusiasmo público já tinha chegado ao seu período agudo, chegou a grande nova: os brasileiros venceram por um contra zero. Foi um estrugir formidável de palmas e de bravos, que eletrizou toda a cidade.

– Acabou-se. Agora não perdemos mais a dianteira! Perdemos os campeonatos anteriores! Agora seguramos o cinturão de ouro e não o largamos mais. E, com essa convicção, toda gente voltou para casa, depois de um grande dispêndio de energia nervosa.

---

O IMPARCIAL

26 DE MAIO DE 1919

(...) Só mesmo a falta de sorte nos remates não permitiu ao team brasileiro conquistar o ponto que lhe assegurasse o triunfo. Enfim, nova luta será travada para o desempate do campeonato e, se desta vez, não desenvolvendo jogo bem apreciável e tendo o adversário obtido a vantagem de 2x0, o team brasileiro ainda conseguiu dominá-lo e

empatar a peleja, em condições normais deve produzir jogo mais eficiente e fazer figura mais brilhante.

---

O IMPARCIAL

30 DE MAIO DE 1919

(...) Pela primeira vez tivemos em nosso continente um embate travado com um ardor inacreditável por parte dos combatentes e que findou do modo mais honroso e nobre para nós brasileiros. (...) Os brasileiros depois de uma peleja renhidíssima, como até então não se realizara, abateram, ontem pelo score de 1x0 o formidável scratch uruguaio, que na opinião unânime dos entendidos representava o expoente máximo do football oriental.

---

A NOITE

29 DE MAIO DE 1919

A concorrência, se não era colossal como a de domingo, era seletíssima, notadamente pelo número de senhoras. A animação, extraordinária desde 11 horas, tornou-se como poucas vezes tem acontecido ao aproximar-se a hora do jogo. Um alarido unânime atroava e nos morros vizinhos a multidão agitava bandeiras nacionais, por entre vivas. (...) O jogo de hoje era já de desempate e, assim, de graves responsabilidades para ambos os teams. (...) Brasileiros: Marcos, Pindaro e Bianco, Sergio, Amilcar e Fortes, Millon, Néco, Friedenreich, Heitor e Arnaldo. (...) 1ª Half Time: Brasileiros 0 goal Uruguaio 0 goal - 2ª Half Time: Brasileiros 0 goal Uruguaio 0 goal – Nova Prorrogação: 1o goal brasileiro Hurrah! Friedenreich! Hurrah – Brasil!

Não havendo resultado nos trinta minutos de prorrogação foi pelo juiz ordenada a segunda prorrogação. A saída foi dos uruguaio e os brasileiros atacam, obrigando os adversários a um corner. Pouco depois Arnaldo é dado como off-side, mas os brasileiros não desanimam. Néco corre pela direita, centra, sendo a bola recebida de cabeça por Heitor, que a passa a Friedenreich. Este, com um shoot de meia altura, ao meio do poste, marca o 1º goal brasileiro. Hurrah! Friedenreich! Hurrah – Brasil! (...) Final: Brasileiros 1 goal Uruguaio 0 goal – Com este resultado foram os brasileiros aclamados campeões da América do Sul.

---

## As Manchetes

---

### O IMPARCIAL

A sensacional pejeja de ontem entre brasileiros e uruguaiois - Os nossos denodados patrícios assumiram o visível domínio da pugna, que findou com empate de 2x2.

---

### O IMPARCIAL

Salve Footballers Brasileiros! Depois De Uma Pejeja Emocionante, Os Nossos Patrícios Lograram, Ontem, Para O Nosso País A Supremacia Do Football No Campeonto Sul-Americano. A Nossa Inegável Vitória De Ontem Sobre Os Uruguaiois Pelo Score De 1X0.

---

### A NOITE

Bravos Aos Brasileiros! Vencedores Do 3º C.S.A De Football! Friedenreich Marcou O Ponto De Vitória!

---

A população, portanto, se apaixonou ainda mais pelo futebol depois da primeira conquista da Seleção Brasileira. Seleção que havia disputado seu primeiro jogo em 1914, em amistoso contra o Exeter City, modesto time inglês. Venceu por 4 x 0. Mas foi só a partir do começo dos anos 40 que o futebol ganhou os relatos apaixonados em espaços cada dia maiores. Nos diários cariocas, especialmente. E com colonistas como Mário Filho e Nelson Rodrigues.

Mário Filho era o irmão mais velho de Nelson. Não dizia com todas as letras, mas era rubro-negro de coração. Torcedor do Flamengo doente, mas capaz de relatos de incrível emotividade com ídolos de outros times. Foi ele o fundador do *Jornal dos Sports*, no início dos anos 30, na mesma época em que o futebol ganhou de vez cara de profissional.

O *Jornal dos Sports* acompanhou a primeira grande crise do futebol brasileiro. A instauração do profissionalismo criou uma

cisão tanto no futebol do Rio quanto no de São Paulo. Em 1935 e 1936 houve dois campeonatos simultâneos em São Paulo. No Rio de Janeiro, a crise começara em 1933, ano em que se firmou o profissionalismo. O Botafogo, campeão em 1932, jogou entre os amadores nos três anos seguintes. Ganhou os três títulos e auto-proclamou-se tetracampeão carioca. Mas os demais campeonatos continuaram a suceder-se. Em 1933, o Bangu conquistou pela primeira vez um título estadual – só voltaria a ganhar em 1966. Em 1934, o Vasco foi o campeão. Em 1935, ganhou o América seu sexto Campeonato Carioca. Em 1936, pelo quarto ano seguido, os clubes não chegaram a nenhum acordo. E a cisão dividiu ainda mais o futebol do Rio de Janeiro. Tanto que de um lado o campeão foi o Fluminense, de outro o Vasco, clubes que antes estavam do mesmo lado.

Os jornais cariocas acompanharam tudo como puderam. Com pouco espaço e dando mais destaque ao que acontecia dentro de campo do que à briga política entre todos os times. Isso até a pacificação, em 1937, quando entrou na moda o melhor estilo carioca de divulgar o futebol.

Para abrir o primeiro campeonato unificado depois de quatro anos de grandes confusões, o jogo escolhido foi Vasco x América. A partida foi marcada para o estádio de São Januário, no dia 31 de julho. Vasco e América entraram em campo juntos e o Vasco venceu por 3 x 2. Daí em diante, o Brasil inteiro passou a chamar o clássico entre as duas equipes de “Clássico da Paz”. Era só um lado do romance que o Brasil, em especial o Rio de Janeiro, aprendeu a imprimir ao jornalismo esportivo.

## ROMANCE E JORNALISMO

O jogo entre Botafogo e Fluminense é chamado de “Clássico Vovô”. Porque é o clássico entre os clubes mais antigos do futebol do Rio: o Fluminense, fundado em 1902, e o Botafogo, em 1904. Sim, o Flamengo foi fundado em 1895 e o Vasco em 1898, mas ambos

com dedicação exclusiva às regatas até que o Flamengo iniciasse a prática do futebol, já em 1912 – o Vasco entrou na onda em 1923.

O jogo entre Flamengo e Vasco passou a ser chamado nos anos 40 de “clássico dos milhões”, por produzir milhões de cruzeiros nas bilheterias dos estádios. Flamengo e Fluminense? Bem, o “Fla-Flu” nasceu quarenta minutos antes do nada, como diria Nelson Rodrigues. E não há clássico, em canto nenhum do Brasil, que reúna tanta história. Fruto do jeito carioca de fazer jornalismo. Talvez nem seja jornalismo. As crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho tinham vida própria, nem bem podiam ser chamadas jornalismo. Dizia Mário Filho no texto que reverenciava o pontadireita do Fluminense, no final dos anos 50: “Telê joga os noventa minutos. Dito assim, parece simples. Todo jogador joga noventa minutos. Seria assim não fosse Telê. Telê é o ponteiro dos segundos. Não pára nunca!”

Também não podia ser jornalismo as crônicas que Nelson Rodrigues escrevia depois de virar-se para Armando Nogueira, no Maracanã dos anos 50, e perguntar-lhe: “O que foi que nós vimos, Armando?”

A miopia de Nelson Rodrigues tirava-lhe a possibilidade de enxergar qualquer coisa em jogo de futebol, ainda mais em estádio grande como o Maracanã. E daí? Romance era com ele mesmo. Crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. Até jogo violento, como Bangu e Flamengo, que decidiu o Campeonato Carioca de 1966 – a partida não completou o tempo regulamentar porque o jogador Almir, do Flamengo, armou grande confusão – era por eles tratado com rara dramaticidade. Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses.

A verdade? Ora, a verdade. Armando Nogueira costuma dizer que viu Pelé pela primeira vez no vestiário do Maracanã depois de um jogo entre Santos e América.

– Quem é o melhor centroavante do Brasil?, Armando perguntou-lhe.

– Eu, Pelé respondeu.

– E o melhor meia-esquerda?, perguntou em seguida Armando Nogueira.

– Eu também, disse Armando Nogueira.

Armando conclui o pensamento, que já virou clássico, dizendo que não sabia se estava diante de um negrinho cheio de si ou de um eleito dos céus. E não demorou muito tempo para que a resposta lhe aparecesse diante dos olhos.

A mesma história está publicada em crônicas de Nelson Rodrigues. História bem contada, com boa pitada de romance. Coisas assim fizeram de Pelé mais do que o maior jogador de futebol de todos os tempos. Transformaram-no em eterno mito.

Ora, a verdade. Entre a lenda e a verdade, a literatura vai sempre preferir a lenda. O jornalismo deve preferir a verdade. O que pode indicar que o tipo de crônica citada acima não era, exatamente, jornalismo.